



AS FRONTEIRAS DO ÍNDIO



PARQUE
INDÍGENA DO
XINGU

(De Conrado
Simonetti
e José
Teixeira
Neto,
enviados
especiais).

O MUNDO do índio é simples em sua concepção; é completo dentro de sua sistemática de vida. Mundo que o civilizado, habituado à incrível complexidade que herda da vida moderna, não logra compreender. Nem consegue abarcar de imediato. Mundo sem o qual o índio não sobrevive. Nem como civilizado nem como índio.

A agitação em que os moradores das grandes cidades vivemos, não deixa tempo para uma meditação sobre um mundo que ultrapassa as fronteiras da civilização. Fronteiras que alguns consideram definitivamente ultrapassadas; que outros, com enfoques modernos, situam como meta. Que outros, ainda, apesar de poucos, mantêm como base de sua existência. As fronteiras do índio.

INQUIETUDE

Ninguém sabe qual a atual população indígena do País. A Funai estima-a em torno de 180 mil, mas não força a afirmativa. O certo é que os índios são mais de cem mil. Seres humanos de cultura primitiva, primeiros e legítimos brasileiros, vítimas constantes das investidas de nossa civilização. De criatura pura, equilibrada e absoluta, mantém ainda hoje, em parte, as duas primeiras qualidades. Mas o índio — drasticamente reduzido em 474 anos de Brasil — é hoje uma pessoa inquieta e acossada.

A voracidade de empresas e indivíduos escuda-se quase sempre no argumento desenvolvimentista ou no de ocupação do território, para tomar-lhes a terra e aniquilá-los. Não em forma de genocídio puro e simples, eis que uma atitude dessas desencadearia reações veementes; mas de forma branda e boazinha: tirando-lhes as condições básicas de sustento, quando não, levando-lhe intencionalmente ou não — doenças às quais não pode resistir. Ou, ainda, corrompendo para destruir sua cultura, seu habitat, sua família. E' a nossa civilização, questionável sob muitos aspectos, tentando apagar as fronteiras do índio.

FUNAI

Contra esse estado de coisas, só agora toma posição a Funai. Depois de andar à deriva, com grandes prejuízos para a causa indígena, o órgão máximo da política indigenista do governo parece, finalmente, estar no rumo certo. Preocupando-se com a demarcação dos parques — em que gastará em 1975 perto de dez milhões de cruzeiros — e criação de outras áreas es-

pecíficas onde se fazem necessárias; estabelecendo frentes de atração ao longo do traçado das rodovias que cortam a Amazônia; promovendo a assistência direta de 87 mil índios; fiscalizando a ação de missões religiosas; ou questionando e executando a retomada de terras indígenas invadidas, está a Funai avançando pela trilha que se nos afigura a mais acertada no trato da questão.

Além disso, o presidente do órgão, general Ismarth de Araújo Oliveira, parece tomado pelo propósito de promover a gradativa integração do índio somente após o processo de aculturação, respeitadas sua cultura e opção. Esse sistema de integração — gradativa — pode ser tido como uma das trincheiras em que mais se bateram os sertanistas Orlando e Cláudio Villas Boas. E tão certos estavam que hoje o Parque Indígena do Xingu é, sem sombra de dúvida, a melhor reserva indígena do País sob todos os aspectos. Tanto assim, que a própria presidência da Funai mostra-se disposta a "transformar o Parque Indígena do Aripuanã num segundo Xingu".

VILLAS BOAS

Figuras quase lendárias, os irmãos Villas Boas são, provavelmente, os sertanistas de quem mais se escreveu e a quem mais se entrevistou neste País. Não foram sua vida franciscana, nem sua inquestionável coragem, nem os grandes serviços prestados à Pátria — entre os quais avulta a abertura de 23 campos de pouso na rota Rio-Manaus e que registra a transformação de quatro deles em bases do Ministério da Aeronáutica — que provocaram tal fato. A intensa e constante procura da parte de jornalistas e estudiosos, daqui e do exterior, deve-se, sobretudo, ao seu profundo conhecimento dos índios e infinito carinho para com eles.

De sua ação, marcada por métodos pacíficos e acertados, surgiu em 1961 o Parque Nacional do Xingu. Onde vivem e prosperam — a salvo de outras injunções — as tribos Calapalo, Kuikuru, Nafuquá, Kamaiurá, Meimaco, Trumai, Waurá, Aueti, Matipu, Iaualapiti, Tchicão, Suiá, Caiabi, Juruna e Txucarramã (Mekrangnonti), às quais juntar-se-á nos próximos dias a dos Kreen-Akarore.

Orlando Villas Boas nasceu a 12 de janeiro de 1914 em Santa Cruz do Rio Pardo, interior do Estado. Sempre morando junto com a família, viveu também em Botucatu, São Paulo, Campinas e Assis. Antes de engajar-se na expedição Roncador-Xingu, trabalhou na Capital como funcionário da Standard Oil of Bra-

zil, hoje Esso Brasileira de Petróleo. É casado com d. Marina Lopes Lima Villas Boas e — por enquanto — tem um filho: Orlando Villas Boas Filho, o "Vilinha".

Cláudio Villas Boas nasceu a 8 de dezembro de 1916 em Botucatu, seguindo, como seu irmão, os passos da família. Antes de entrar para a Expedição Roncador-Xingu, trabalhou na seção de cadastro da Prefeitura do Município de São Paulo e nos escritórios da Cia. Telefônica Brasileira, hoje Telesp, de onde saiu em férias e até hoje não voltou. É autodidata e mantém-se atualizado com as correntes do pensamento contemporâneo, trocando correspondência com várias entidades internacionais.

QUASE APOSENTADOS

Agora, com a idade já avançada e após 32 anos de um trabalho marcado pelo destemor, sensibilidade e devotamento, procuram Orlando e Cláudio sua merecida aposentadoria. Mas injunções de ordem burocrática negam-lhes um afastamento com dignidade, atribuindo-lhes uma pensão que não vai além de poucos cruzeiros mensais. As muitas incompreensões que ambos amargaram no isolamento da mata, ameaça somar-se mais esta. A menos que o Governo encontre uma solução para proporcionar-lhes — dado seu ininterrupto devotamento a causas de interesse nacional e humanístico — uma forma melhor de terminar seus dias.

Seja como for, Orlando e Cláudio estão-se despedindo do Xingu. Sidney Possuello e Amauri Belloquim, substituindo, respectivamente, Orlando, no Posto Leonardo e Cláudio, no Posto Diauaruni, permitem prever plena continuidade ao trabalho desenvolvido até aqui. Antes do afastamento final, os irmãos sertanistas procuraram consolidar — com o testemunho do presidente da Funai — a paz na área do Parque.

Para isso reuniram os "capitães" — caciques — e após lembrar-lhes normas essenciais de conduta em relação à Funai, a seus sucessores e o respeito à propriedade alheia e particularmente à sua própria, tiveram, talvez, uma de suas maiores satisfações: ouvir de cada "capitão" a disposição de tudo fazer em benefício da união de todas as tribos, a eliminação cabal de antigos ressentimentos, a atenção voltada para o fortalecimento de cada aldeia, o propósito de impedir a todo custo a invasão de suas terras. Ambos podem, portanto, afastar-se tranquilos, pois o que plantaram durante todo esse tempo germinou e agora floresce. Na grande família xinguna reina a paz.

Na área do Xingu há mais amor. Em cada índio, dignidade.

Quando aposentados, Villas Boas não abandonarão o índio; Cláudio prefere escrever o muito que sabe e Orlando proferir palestras em universidades, transformando sua experiência em ensinamento às novas gerações. Se, em casos especiais, a Funai precisar de seu concurso, estarão à disposição; porque a sorte do índio lhes fala mais alto. Ainda agora, depois de reunir os caciques no Posto Leonardo, Cláudio, acompanhado de alguns chefes índios, viajou até as cabeceiras do rio Jarina onde um grupo de 170 Txukarramã, liderado por Kremuro, permanecia separado do restante da tribo. Essa cisão foi provocada em virtude da construção da BR-080 que atingiu a aldeia. Nestes últimos dias, mensagem do grupo dava conta de que a missão que procurava trazê-los de volta à aldeia, que é capitaneada por Arauni, obteve êxito.

FAB

O trabalho dos irmãos sertanistas, ao longo desses anos, obteve inteiro sucesso. Não apenas entre os índios como no encurtamento da rota Rio-Manaus. Aragarças, Xavantina, Jacaré (Xingu), Cachimbo e Jacareacanga são fruto direto de seu trabalho. O bom êxito alcançado, porém, não se deve unicamente ao seu esforço. É também fruto incontestado do apoio constante e quase sempre anônimo da FAB através do Correio Aéreo Nacional. Voando com aparelhos antigos, lentos e desconfortáveis, as abnegadas equipes de vôo exercem, semana a semana, sua missão integradora e assistencial.

"O trabalho da FAB é da mais alta importância para nós — diz em bom português Aritana, jovem "capitão" (23 anos) da afluyente aldeia dos Iaualapiti — porque não apenas nos traz medicamentos e o próprio médico, como leva para tratamento os doentes que aqui não podem ser curados. Além disso, leva o Orlando quando precisa resolver problemas para nós em Brasília ou São Paulo e traz outras coisas de que precisamos."

A somente dez minutos de vôo do Posto Leonardo, pouco depois da estupenda lagoa Ipavú junto à qual está a aldeia dos Kamiurá, situa-se o campo do Jacaré (Xingu), onde a FAB mantém um operoso destacamento. Não tão importante como o de Cachimbo — que chega a ser base opcional da esquadilha dos Mirage — o campo desempenha valiosa missão de apoio à navegação aérea e da ocupação dos grandes vazios do Centro-Oeste do País.